

Por entre os labirintos da Ética: a Criatividade como catalisadora da reflexão ética em contextos educativos

Andreia Valqueresma
(Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento,
Universidade da Maia, Portugal)

Resumo: Num mundo em transformação, os desafios éticos enfrentados pela sociedade contemporânea tornaram-se cada vez mais complexos. Além das tensões geopolíticas, das alterações climáticas e das questões sociais levantadas pelas migrações, há ainda que se considerar o impacto da revolução tecnológica nas desigualdades sociais. Em tempos de incerteza, a criatividade é fundamental na construção de soluções inovadoras e na análise crítica dos dilemas éticos subjacentes, principalmente em contextos educativos nos quais é urgente promover a agência pessoal e coletiva dos educadores, por meio de uma reflexão ética. Este artigo reflete sobre a importância de uma perspectiva ética da criatividade e discute estratégias psicológicas e educativas que podem facilitar a sua exploração, com vista à construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave: criatividade, ética, educação, desafio, agência pessoal e coletiva

Abstract: *In an ever-changing world, the ethical challenges faced by contemporary society have become increasingly complex. In addition to geopolitical tensions, climate change, and social issues raised by migration, it is also necessary to consider the impact of the technological revolution on social inequalities. In times of uncertainty, creativity is fundamental in the construction of innovative solutions and in the critical analysis of underlying ethical dilemmas, especially in educational contexts where it is urgent to promote the personal and collective agency of educational agents through ethical reflection. This article reflects on the importance of an ethical perspective of creativity and discusses psychological and educational strategies that can facilitate its exploration seeking to construct a more just and equitable society.*

Keywords: *creativity, ethics, education, challenge, personal and collective agency.*

Introdução

Num mundo em contínua e profunda transformação, os desafios éticos com os quais a sociedade contemporânea se confronta têm vindo a tornar-se cada vez mais complexos e multifacetados. Para além das inquestionáveis tensões geopolíticas que pontuam diversos pontos do globo, os impactos das alterações climáticas e das questões económicas, sociais e humanas levantadas pelas migrações globais acentuam os dilemas éticos da contemporaneidade.

De facto, o mundo está hoje repleto de desafios éticos que decorrem tanto das ações humanas como dos fenómenos naturais. A crise climática em curso, com consequências devastadoras tanto para o ambiente, como para as populações, afeta particularmente as comunidades mais vulneráveis do planeta (Mazdiyasi & AghaKouchak, 2020; Sanson *et al.*, 2019). A subida do nível do mar, os fenómenos meteorológicos extremos e as secas prolongadas obrigaram comunidades inteiras a migrar em busca de condições de vida mais seguras, agravando ainda mais a crise global dos refugiados (Marcus *et al.*, 2023).

A crise migratória, que está intrinsecamente ligada aos conflitos geopolíticos e à crise ambiental, apresenta outro desafio ético que exige soluções criativas e sensíveis ao Outro. À medida que os migrantes e os refugiados fogem da guerra, da perseguição e dos efeitos das alterações climáticas, são frequentemente confrontados com reações de hostilidade nos países por onde passam ou naqueles onde procuram asilo. A xenofobia, o racismo e a retórica nacionalista contribuem para a marginalização e a desumanização destas populações, deixando-as, muitas vezes, em condições precárias e com acesso limitado aos direitos humanos básicos (Betts & Collier, 2017). As implicações éticas que decorrem da convergência destes fenómenos são profundas, pois espelham aqueles que são os valores humanos fundamentais de uma sociedade em mutação, na qual a humanidade partilhada e a consciência quanto à responsabilidade coletiva de proteção dos mais vulneráveis poderão estar a perder-se.

Paralelamente, não se pode esquecer do impacto da revolução tecnológica e digital neste cenário. O século XXI tem sido marcado pelo ritmo frenético a que se sucedem as mudanças tecnológicas, com consequências não apenas nos padrões de trabalho e de vida (Brynjolfsson & McAfee, 2014), mas também nas estruturas sociais e políticas (Ciuriak, 2023). Nesta era de transformações, em que a tecnologia permeia e redefine aspetos fundamentais da vida humana, não se pode desconsiderar as implicações éticas que a mesma acarreta e que desafiam as abordagens tradicionais, exigindo respostas inovadoras e colaborativas. É inegável que a revolução tecnológica e digital trouxe avanços extraordinários em praticamente todos os campos da vida moderna, da saúde à educação, da comunicação às finanças. Contudo, a distribuição dos benefícios desta revolução está longe de ser equitativa (Lythreatis *et al.*, 2022). As desigualdades sociais, já profundamente enraizadas nas estruturas económicas e políticas, são

exacerbadas pela distribuição desigual do acesso às tecnologias. A revolução tecnológica, liderada por inovações como a inteligência artificial, o *big data* e a automação, tem se mostrado um dos maiores motores de transformação social e económica dos últimos anos, sendo simultaneamente um reflexo da criatividade humana. No entanto, esses avanços, enquanto oferecem soluções para alguns dos problemas mais urgentes da Humanidade, tendem também a criar novos dilemas éticos e a contribuir para a perpetuação de desigualdades, agudizando cenários de incerteza (Van Deursen & Van Dijk, 2019).

A exclusão digital, por exemplo, tem vindo a assumir-se como um problema crescente em muitas partes do mundo - especialmente na sequência da pandemia da COVID-19 (Van De Werfhorst *et al.*, 2022) -, refletindo a falta de acesso de grandes grupos da população a ferramentas e infraestruturas tecnológicas e digitais. À medida que as sociedades dependem cada vez mais de ferramentas digitais para a educação, para o emprego e para as próprias relações sociais, aqueles que não têm acesso a estas tecnologias são impedidos de participar plenamente na economia digital. Este cenário é particularmente preocupante em contextos educacionais, nos quais o ensino à distância se tornou uma necessidade durante a pandemia de COVID-19, deixando a nu a amplitude do fosso digital (Lythreitis *et al.*, 2022).

Além disso, a automação e o uso crescente da inteligência artificial (IA) no contexto de trabalho têm levantado sérias dúvidas sobre o curso futuro do emprego e do mercado de trabalho. Setores inteiros vêm o seu futuro colocado em causa, à medida que máquinas e algoritmos substituem tarefas que antes eram realizadas por seres humanos. Este fenómeno não somente agrava as desigualdades económicas, como também suscita discussões éticas sobre a redistribuição do trabalho e a necessidade de se investir numa requalificação massiva dos trabalhadores. Esta constelação de fatores tem intensificado o debate em torno dos prós e contras da revolução tecnológica e digital, levando à emergência de questões prementes sobre justiça, privacidade, propriedade intelectual, discriminação algorítmica, acesso equitativo ao conhecimento e aos recursos (Kumar *et al.*, 2024), bem como sobre o potencial para novas formas de exploração e desigualdade (Eubanks, 2019). Assim, é crucial que se envidem múltiplos esforços no campo das políticas públicas para mitigar os efeitos negativos desta revolução tecnológica e digital, nomeadamente através de uma regulamentação da utilização da IA e da automação que assente no objetivo de garantir que estes avanços tecnológicos sejam utilizados de maneira a reduzir (e não a acentuar) as desigualdades.

É neste contexto de incerteza e complexidade que a criatividade emerge como um recurso-chave não apenas para conceber soluções inovadoras para estes intrincados desafios, mas também para navegar criticamente os dilemas éticos subjacentes. Sob este prisma, a criatividade é mais do que a mera geração de

ideias novas: implica um profundo envolvimento com a reflexão ética e um compromisso com a justiça social. Tal como referem Glăveanu (2017) e Amabile (2018), a criatividade não é neutra em termos de valor, mas é moldada pelos contextos culturais, sociais e éticos em que se manifesta. Daqui decorre a relevância de se cultivar uma forma de criatividade que seja enquadrada pela empatia, pela responsabilidade social, pela agência pessoal (consciente e sensível ao Outro) e pelo compromisso com o bem comum. Mais ainda, subjaz uma compreensão da criatividade como atributo da complexidade da estrutura psicológica individual que, ao abrir novas possibilidades de (re)construção da nossa relação com o *self*, o Outro e o mundo (Goodman, 1978), pode se constituir como um catalisador da mudança, com significativo impacto em nível psicológico e social (Valqueresma & Coimbra, 2021).

A criatividade como um catalisador da mudança social

A criatividade é, há muito, reconhecida como uma ferramenta poderosa para a expressão e o desenvolvimento pessoal, e para a inovação. No entanto, o seu potencial como catalisador da mudança social é frequentemente subestimado. Com o emprego da criatividade, pode-se amplificar vozes marginalizadas, desafiar sistemas opressivos e promover a empatia e a compreensão para com diferentes comunidades, inspirando ações individuais e coletivas, com vista a uma sociedade mais justa e equitativa.

Uma das formas mais significativas através das quais a criatividade pode promover a mudança social é através da amplificação das vozes daqueles que foram historicamente silenciados ou marginalizados. A expressão artística, em particular, tem sido um poderoso veículo de resistência e activismo ao longo da história. Do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos à luta anti-apartheid na África do Sul, formas criativas de expressão como a música, a literatura e as artes visuais têm desempenhado um papel central no desafio à injustiça e na defesa da mudança social (Hooks, 2019). Nos últimos anos, movimentos como o Black Lives Matter e o #MeToo aproveitaram o poder da expressão criativa para aumentar a consciência sobre o racismo sistémico, o sexismo e outras formas de opressão. Estes movimentos não somente chamaram a atenção para as experiências vividas pelas comunidades marginalizadas, como também inspiraram ações generalizadas e mudanças políticas.

Para além de amplificar as vozes marginalizadas, a criatividade pode, também, promover a empatia e a compreensão entre diferentes comunidades. A empatia, definida como a capacidade de compreender e partilhar os sentimentos dos outros, é uma componente crítica da tomada de decisões éticas e da justiça social (Batson, 2016). As atividades criativas, nas suas mais variadas formas, podem ajudar os indivíduos a ver o mundo a partir da perspetiva dos outros, especialmente daqueles cujas experiências são diferentes das suas. Esta

capacidade de tomada de perspectiva social (Selman, 1975) é essencial para promover a solidariedade e a agência coletiva (Bandura, 2018), uma vez que incentiva os indivíduos a reconhecerem a sua humanidade partilhada, ou seja, os valores e desafios que têm em comum.

Paralelamente, a criatividade pode inspirar ações individuais e coletivas, oferecendo novas formas de imaginar o mundo e as suas possibilidades. Profundamente interligada com o *possibility thinking* (Craft, 2011) - i.e. com a capacidade de colocar questões, de exercitar o “*what if*” e o “*as if thinking*” (Craft, 2002), e de imaginar caminhos inexplorados para alcançar novas formas de ver, sentir e pensar o Mundo -, a criatividade está imbrincada no sentido de agência pessoal de cada um de nós (Karwowski & Beghetto, 2019), podendo constituir-se como uma força motriz para a mudança social. Ao prever futuros alternativos e novas formas de organizar a sociedade, a criatividade pode inspirar os indivíduos e as comunidades a trabalhar em prol de um mundo mais justo e equitativo. Esta capacidade imaginativa é particularmente importante em tempos de crise, quando os sistemas e estruturas existentes podem parecer inadequados para enfrentar os desafios em causa. Nestes momentos, a criatividade pode abrir novas possibilidades de ação e transformação.

A Interseção entre Criatividade, Ética e Educação

Se a criatividade é um recurso essencial para enfrentar os desafios éticos do mundo contemporâneo, torna-se crucial que esta seja não apenas considerada um dos conceitos basilares para a promoção do desenvolvimento humano, mas que, mais ainda, seja ativamente cultivada nos contextos educativos. Na verdade, na era pós-COVID-19, persiste um esforço significativo de readaptação destes contextos (e dos agentes que neles operam) aos avanços do mundo tecnológico e digital, a par das exigências e necessidades de uma sociedade contemporânea marcada pela mutabilidade e multiculturalidade. É na educação que se depositam grandes esperanças no que concerne o dotar os indivíduos de conhecimentos, competências e valores necessários para enfrentar os problemas complexos do mundo moderno. Contudo, para que este desígnio se cumpra, a educação deve ir além da mera transmissão de informação e investir intencionalmente na promoção do desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico e da reflexão ética.

Estratégias psicológicas e educativas para promover a criatividade

Para promover eficazmente a criatividade em contextos educativos, é importante utilizar estratégias psicológicas e educativas que apoiem o desenvolvimento do pensamento criativo e da reflexão ética. Uma dessas estratégias é a utilização da aprendizagem colaborativa. Esta incentiva os estudantes a envolverem-se com diversas perspectivas e ideias (Hennessey, 2019), o que demonstrou aumentar a criatividade. Os contextos de aprendizagem colaborativa proporcionam, aos

estudantes, oportunidades para trabalharem em conjunto em projetos criativos, nos quais devem navegar por diferentes pontos de vista, negociar soluções e gerar novas ideias coletivamente. Este processo não somente estimula a criatividade, como também promove a tomada de perspectiva social e a empatia, uma vez que os alunos devem considerar as necessidades e perspectivas dos seus pares.

Outra estratégia importante para promover a criatividade é a utilização da aprendizagem baseada em problemas, uma abordagem educativa que desafia os estudantes a resolver problemas do mundo real através do pensamento criativo e da colaboração. A aprendizagem baseada em problemas incentiva os estudantes a envolverem-se com problemas complexos e abertos que exigem pensar de forma crítica e criativa. Ao trabalhar em projetos que são relevantes para as suas vidas e comunidades, estes têm maior probabilidade de se sentirem motivados e envolvidos, e também de desenvolverem um sentido de responsabilidade social. Além disso, a aprendizagem baseada em problemas proporciona oportunidades de aplicarem o seu pensamento criativo a dilemas éticos, ajudando-os a desenvolver as competências e os valores necessários para a tomada de decisões éticas.

Para além da aprendizagem colaborativa e baseada em problemas, educadores e professores podem também promover a criatividade através da criação de oportunidades de aprendizagem autodirigida. Segundo Beghetto e Kaufman (2014), a criatividade é frequentemente estimulada quando os indivíduos têm a liberdade de explorar seus próprios interesses e paixões. Ao darem aos estudantes autonomia sobre a sua aprendizagem, os educadores podem ajudá-los a desenvolver um sentido de agência pessoal que alimenta a criatividade e a motivação intrínseca. A aprendizagem autodirigida também incentiva os estudantes a correrem riscos e a experimentarem novas ideias, o que é essencial para o desenvolvimento do pensamento criativo.

É, ainda, essencial que os contextos educativos sejam contextos nos quais impere a segurança psicológica e o bem-estar emocional. A criatividade envolve, muitas vezes, correr riscos e experimentar novas ideias, o que pode ser intimidante. Assim, é crucial que os professores e educadores criem um ambiente de aprendizagem favorável e livre de julgamentos, no qual os estudantes se sintam seguros para se expressarem e cometerem erros (Beghetto, 2019). Ao promover uma cultura de segurança psicológica, os educadores e professores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da confiança e da resiliência necessárias para os estudantes se envolverem no pensamento e nas atividades criativas.

Uma das formas através das quais a criatividade pode ser integrada nos contextos educativos é através da promoção da tomada de perspectiva social e da empatia. A investigação demonstrou que as atividades criativas, especialmente as que envolvem colaboração e resolução de problemas, podem melhorar a capacidade

dos indivíduos para compreender e apreciar diferentes perspectivas (Boden, 2018). Ao envolver os alunos em projetos criativos que exigem considerarem as necessidades e experiências dos outros, os educadores podem ajudar a promover um sentido de empatia e responsabilidade social. Isto, por sua vez, pode encorajar os estudantes a tornarem-se cidadãos mais ativos e comprometidos, empenhados em trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e equitativa. A este nível, o recurso a estratégias de exploração reconstrutiva pode revelar-se decisivo. Estas estratégias visam proporcionar experiências educacionais capazes de multiplicar as possibilidades de desenvolvimento psicológico, permitindo aos estudantes espaço para questionar e transformar ativamente as suas escolhas (Campos & Coimbra, 1991). Neste sentido, estas estratégias contribuem para desenvolver um sentido de agência pessoal, pois geram condições favoráveis à vivência, expressão e integração de experiências no processo de construção do *self*. Para além disso, estas estratégias são caracterizadas por um nível de desafio desenvolvimental que induzem a complexidade sociopsicológica. Ao oferecerem experiências de conteúdo significativo e promotor do envolvimento dos estudantes, motivam-nos a participar ativamente nos seus processos de aprendizagem. Logo, estimulam uma atitude proactiva e cimentam um sentido de agência pessoal e coletiva que está no cerne dos processos de desenvolvimento da criatividade. Mormente, permitem aos estudantes ramificar e interligar estruturas psicológicas de ação e pensamento, fortalecendo, em *continuum*, a matriz de complexidade sociocognitiva a partir da qual florescem suas capacidades de construção de significado (Valqueresma & Coimbra, 2021). Assim, baseiam-se em princípios de ação, reflexão e integração que procuram simultaneamente melhorar as capacidades cognitivas, sociais e emocionais.

A criatividade pode, ainda, ser encarada como uma ferramenta-chave para desafiar as estruturas de poder tradicionais e promover a justiça social. A pedagogia crítica de Paulo Freire (1970) sublinha a importância de capacitar os alunos para questionar e desafiar as ideologias dominantes e os sistemas de opressão que moldam as suas vidas. Ao incentivar os alunos a pensar de forma crítica e criativa sobre o mundo que os rodeia, professores e educadores podem ajudá-los a desenvolver as competências e a agência necessárias para promover a mudança social. As atividades criativas podem constituir-se como uma plataforma para os estudantes expressarem as suas experiências e perspetivas, enquanto os incentivam a imaginar novas possibilidades para si próprios e para as suas comunidades.

Desta forma, a criatividade pode entrelaçar-se com a empatia e a justiça social nos contextos educativos, contribuindo efetivamente para o bem-estar individual e coletivo. Múltiplos estudos têm demonstrado que o envolvimento em atividades criativas pode resultar em diversos benefícios psicológicos, incluindo o aumento da autoestima, da resiliência e da regulação emocional (Flood; Phillips,

2007; Tamannaefar; Motaghedifard, 2014; Tan et al, 2021). Estes benefícios são particularmente importantes no contexto da educação, no qual os estudantes reportam níveis crescentes de *stress* e ansiedade (Stromájer et al., 2023), estando sujeitos a pressões significativas. Ao se proporcionarem experiências criativas de caráter profundo e transformacional, criam oportunidades para o desenvolvimento de recursos emocionais e psicológicos que são cruciais para conseguirem enfrentar adequadamente os desafios de vida.

Contudo, é importante ressaltar que esse potencial transformativo das experiências criativas depende diretamente do modo como a sua integração em contextos educativos é operacionalizada, uma vez que, se esta não for pautada pela intencionalidade e reflexão ética, tenderá a surtir efeitos efêmeros e que pouco impactam a estrutura psicológica individual. Como refere Amabile (2018), a criatividade não é inerentemente positiva ou benéfica. Efetivamente, a criatividade pode ser utilizada para fins construtivos e destrutivos (Kapoor & Kaufman, 2022). Por conseguinte, é essencial que a criatividade promovida nos contextos educativos seja informada por valores éticos e por um compromisso com a justiça social. Isto requer a criação de ambientes educativos que priorizem a empatia, o diálogo e a colaboração, bem como que incentivem os estudantes à reflexão crítica sobre as implicações éticas do seu trabalho criativo.

Criatividade e Sustentabilidade: Inovação para o Futuro

A criatividade também desempenha um papel central na busca por soluções sustentáveis para os desafios ambientais que o mundo enfrenta. A crise climática, um dos maiores dilemas éticos do nosso tempo, exige não apenas mudanças estruturais nas políticas governamentais e práticas industriais, mas também uma mudança de mentalidade impossível de operar sem recurso à criatividade. Se, por um lado, é inegável o papel da criatividade na concepção e desenvolvimento das energias renováveis, no design sustentável, e na disseminação dos modelos de economia circular, por outro, esses avanços também levantam questões éticas importantes, como a acessibilidade dessas inovações e o impacto ambiental do desenvolvimento tecnológico.

De facto, a criatividade tem se mostrado um recurso vital para promover a resiliência em comunidades vulneráveis. Em regiões que sofrem com os impactos das alterações climáticas, como secas extremas ou inundações, a criatividade tem sido fundamental para desenvolver soluções adaptativas que permitam às populações locais continuarem a viver e prosperar. Projetos de design participativo, que envolvem as comunidades no processo de criação de soluções, têm sido amplamente utilizados para promover a sustentabilidade de forma inclusiva e equitativa.

Não obstante, é importante reconhecer que nem todas as inovações tecnológicas são necessariamente benéficas sob o ponto de vista ético ou

ambiental. A rápida adoção de tecnologias como o *blockchain*, por exemplo, trouxe novas questões éticas sobre o consumo de energia e o impacto ambiental dessas tecnologias. Da mesma forma, o desenvolvimento de novas formas de mineração e extração de recursos para a produção de baterias e dispositivos eletrónicos levanta preocupações sobre a sustentabilidade desses processos. Portanto, a criatividade deve ser orientada por uma ética de responsabilidade, em que os impactos sociais, económicos e ambientais das inovações sejam alvo de uma discussão e análise aturadas. Para tal, é necessário que tanto indivíduos, quanto instituições sejam incentivados a adotar uma visão de longo prazo, que priorize o bem-estar coletivo e o cuidado com o planeta.

Criatividade como Ferramenta Ética e Transformadora

Em tempos de grande incerteza e mutabilidade, a criatividade emerge como um dos recursos mais valiosos da humanidade. Numa era de profundos desafios globais, esta tem o potencial de servir como uma ferramenta poderosa para resolver os complexos dilemas éticos que a sociedade enfrenta. Seja no enfrentar de desafios éticos relacionados com a revolução tecnológica, seja na busca por soluções sustentáveis para a crise climática, a criatividade oferece uma miríade de caminhos para pensar e agir de maneira diversa, desafiando as estruturas estabelecidas e propondo novas formas de organização social e económica.

Ao promover a criatividade em contextos educativos, podemos ajudar a equipar os indivíduos com as competências e os valores necessários para lidar adequadamente com estes desafios e trabalhar em prol de um mundo mais justo e equitativo. No entanto, para que a criatividade cumpra este papel, deve ser abordada com intencionalidade e reflexão ética. As soluções criativas não devem apenas visar à eficiência ou à inovação, mas também devem levar em consideração os impactos sociais e ambientais que provocam. Ao integrar a empatia, a tomada de perspectiva social e a colaboração na educação criativa, podemos ajudar a cultivar uma criatividade que não é apenas inovadora, mas também profundamente comprometida com a justiça social e o bem comum.

Referências

- Amabile, T. M. (2018). Creativity and the Labor of Love. In R. J. Sternberg & J. C. Kaufman (Eds.), *The Nature of Human Creativity* (1st ed., pp. 1–15). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108185936.003>
- Bandura, A. (2018). Toward a Psychology of Human Agency: Pathways and Reflections. *Perspectives on Psychological Science*, 13(2), 130–136. <https://doi.org/10.1177/1745691617699280>
- Batson, C. D. (2016). *What's wrong with morality? A social-psychological perspective*. Oxford University Press.
- Beghetto, R. A. (2019). *Beautiful risks: Having the courage to teach and learn creatively*. Rowman & Littlefield.
- Beghetto, R. A., & Kaufman, J. C. (2014). Classroom contexts for creativity. *High Ability Studies*, 25(1), 53–69. <https://doi.org/10.1080/13598139.2014.905247>
- Betts, A., & Collier, P. (2017). *Refuge: Rethinking refugee policy in a changing world*. Oxford University Press.
- Boden, M. (2018). Creativity and biology. In B. N. Gaut (Ed.), *Creativity and philosophy* (1 [edition]). Routledge.
- Brynjolfsson, E., & McAfee, A. (2014). *The second machine age: Work, progress, and prosperity in a time of brilliant technologies*. W W Norton & Co.
- Campos, B. P., & Coimbra, J. L. (1991). Consulta Psicológica e Exploração do Investimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11–19.
- Ciuriak, D. (2023, July 19). The Digital Revolution Has Transformed Geopolitics. *Www.Cigionline.Org*. <https://www.cigionline.org/articles/the-digital-revolution-has-transformed-geopolitics/>
- Craft, A. (2002). *Creativity and Early Years Education*. Continuum.
- Craft, A. (2011). *Creativity and education futures: Learning in a digital age*. Trentham Books.
- Eubanks, V. (2019). *Automating inequality: How high-tech tools profile, police, and punish the poor* (First Picador edition). Picador St. Martin's Press.
- Flood, M., & Phillips, K. D. (2007). CREATIVITY IN OLDER ADULTS: A PLETHORA OF POSSIBILITIES. *Issues in Mental Health Nursing*, 28(4), 389–411. <https://doi.org/10.1080/01612840701252956>
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Glăveanu, V. P. (2017). A Culture-Inclusive, Socially Engaged Agenda for Creativity Research. *The Journal of Creative Behavior*, 51(4), 338–340. <https://doi.org/10.1002/jocb.198>
- Glăveanu, V. P. (2020). *The Possible: A Theory*. Oxford University Press.
- Goodman, N. (1978). *Ways of worldmaking*. Hackett Publishing.
- Hennessey, B. A. (2019). Motivation and Creativity. *The Cambridge Handbook of Creativity*, 374–395. <https://doi.org/10.1017/9781316979839.020>
- Hooks, B. (2019). *Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra*.

Editora Elefante.

Kapoor, H., & Kaufman, J. C. (2022). Unbound: The Relationship Among Creativity, Moral Foundations, and Dark Personality. *The Journal of Creative Behavior*, 56(2), 182–193. <https://doi.org/10.1002/jocb.523>

Karwowski, M., & Beghetto, R. A. (2019). Creative Behavior as Agentic Action. *Psychology of Aesthetics Creativity, and the Arts*, 13(4), 402–415. <https://doi.org/10.1037/aca0000190>

Kumar, S., Verma, A. K., & Mirza, A. (2024). Digital Revolution, Artificial Intelligence, and Ethical Challenges. In S. Kumar, A. K. Verma, & A. Mirza, *Digital Transformation, Artificial Intelligence and Society* (pp. 161–177). Springer Nature Singapore. https://doi.org/10.1007/978-981-97-5656-8_11

Lythreatis, S., Singh, S. K., & El-Kassar, A.-N. (2022). The digital divide: A review and future research agenda. *Technological Forecasting and Social Change*, 175, 121359. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2021.121359>

Marcus, H., Hanna, L., Tait, P., Stone, S., & Wannous, C. (2023). Climate change and the public health imperative for supporting migration as adaptation. *Journal of Migration and Health*, 7, 100174. <https://doi.org/10.1016/j.jmh.2023.100174>

Mazdiyasi, O., & AghaKouchak, A. (2020). Natural Disasters Are Prejudiced Against Disadvantaged and Vulnerable Populations: The Lack of Publicly Available Health-Related Data Hinders Research at the Cusp of the Global Climate Crisis. *GeoHealth*, 4(1), e2019GH000219. <https://doi.org/10.1029/2019GH000219>

Sanson, A. V., Van Hoorn, J., & Burke, S. E. L. (2019). Responding to the Impacts of the Climate Crisis on Children and Youth. *Child Development Perspectives*, 13(4), 201–207. <https://doi.org/10.1111/cdep.12342>

Selman, R. L. (1975). Level of Social Perspective Taking and the Development of Empathy in Children: Speculations from a Social-Cognitive Viewpoint. *Journal of Moral Education*, 5(1), 35–43. <https://doi.org/10.1080/0305724750050105>

Stromájer, G. P., Csima, M., Iváncsik, R., Varga, B., Takács, K., & Stromájer-Rác, T. (2023). Stress and Anxiety among High School Adolescents: Correlations between Physiological and Psychological Indicators in a Longitudinal Follow-Up Study. *Children*, 10(9), 1548. <https://doi.org/10.3390/children10091548>

Tamannaefar, M. R., & Motaghedifard, M. (2014). Subjective well-being and its sub-scales among students: The study of role of creativity and self-efficacy. *Thinking Skills and Creativity*, 12, 37–42. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2013.12.003>

Tan, C.-Y., Chuah, C.-Q., Lee, S.-T., & Tan, C.-S. (2021). Being Creative Makes You Happier: The Positive Effect of Creativity on Subjective Well-Being. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(14), 7244. <https://doi.org/10.3390/ijerph18147244>

Valqueresma, A., & Coimbra, J. L. (2021). Creativity, Learning and Technology: Lights and Insights for New Worldmaking Possibilities in Education. *Creativity. Theories – Research - Applications*, 8(1), 38–51. <https://doi.org/doi:10.2478/cetra>

2021-0004

Van De Werfhorst, H. G., Kessenich, E., & Geven, S. (2022). The digital divide in online education: Inequality in digital readiness of students and schools. *Computers and Education Open*, 3, 100100. <https://doi.org/10.1016/j.caeo.2022.100100>

Van Deursen, A. J., & Van Dijk, J. A. (2019). The first-level digital divide shifts from inequalities in physical access to inequalities in material access. *New Media & Society*, 21(2), 354–375. <https://doi.org/10.1177/1461444818797082>

Andreia Valquaresma

Concluiu o(a) Doutoramento em Psicologia em 2020/12/21 pelo(a) Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Licenciatura em Psicologia em 2004/09/13 pelo(a) Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. É Researcher - Centre for Vocational Development and Lifelong Learning no(a) Universidade do Porto, Researcher - inED (Data Analysis) no(a) Instituto Politécnico do Porto Escola Superior de Educação e Pós-doutorado no(a) ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5803-9413>